

UNIVERSIDADES MEDIEVAIS*

*Glete de Alcântara***

ALCANTARA, G. – Universidades Medievais. *Rev. Esc. Enf. USP*, 9(1): 9–19, 1975.

A autora descreve sumariamente como nasceram as universidades na Europa. Destaca as Universidades de Bolonha e de Paris por sua importância no desenvolvimento do ensino superior, a primeira como padrão seguido pelas universidades do sul da Europa e a segunda pelas do norte. Relata como, em Bolonha, os estudantes formaram uma corporação ou universitas, enquanto que em Paris, os professores excluídos das universidades dos estudantes constituíram sua própria corporação denominada Collegium Doctorem. Destaca, também, a Universidade de Coimbra, em Portugal.

O artigo descreve, ainda, o tipo de livros então existentes e a vida estudantil na Idade Média.

ESCOLAS MONÁSTICAS E DAS CATEDRAIS

Com a queda de Roma e as invasões bárbaras, foram desaparecendo as escolas pagãs que tanto haviam contribuído para a romanização das longínquas províncias; em seu lugar surgiram as escolas monásticas e as das catedrais, destinadas ao ensino do que se supunha ser necessário para a formação de padres e monges.

* Aula inaugural do Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, em nível de Mestrado, da Escola de Enfermagem da USP, proferida em 1º de outubro de 1973.

** Professor Titular das disciplinas Ética da Enfermagem e da Obstetrícia e História da Enfermagem e da Obstetrícia.

STUDIUM GENERALE

A partir do século XI o renascimento do comércio e do desenvolvimento das cidades criaram novas atividades, que exigiam para o seu desempenho certo grau de instrução. Ora, naquele tempo, só os membros da Igreja eram instruídos. Se, para a nobreza, a função militar não requeria outra aprendizagem que a das armas, para a burguesia as atividades comerciais requeriam pelo menos rudimentos de instrução. Por outro lado, os novos conhecimentos introduzidos na Europa Ocidental por eruditos árabes da Espanha provocaram um renascimento do saber. Obras de Aristóteles, Euclides e Ptolomeu, textos de medicina grega e de direito romano, desconhecidos até então, representaram um fator importantíssimo para o desenvolvimento do *studium generale*. Alguns destes desenvolveram-se nas próprias escolas das catedrais, localizadas em Paris, Chartres (França) e Canterbury (Inglaterra).

O centro de estudos, *studium*, aberto a todos emergiu como uma resposta à necessidade de proporcionar instrução mais ampla do que aquela ministrada pelas escolas episcopais e monásticas.

SURGIMENTO DAS UNIVERSIDADES

Este surgimento representa a realização mais importante da Idade Média. Não se sabe ao certo qual é a universidade mais antiga. Pode ter sido a de Salerno que, no século IX ou X, era um grande centro de estudos médicos. Durante séculos constituiu esta a mais renomada escola de medicina da Europa. Pouquíssimo se sabe desta Escola antes do século XIII, época em que Frederico Barbaroxa regulamentou a outorga de graus. Sua fama repercutiu por todo o mundo ocidental, tendo-se notabilizado por seu espírito católico (universal). Naquela época, em que os judeus eram vítimas de perseguições religiosas, encontraram eles acolhida em Salerno como mestres ou estudantes.

Embora Salerno seja considerado o *studium* mais antigo as *studis* de Bolonha e de Paris ocupam lugar mais importante no desenvolvimento do ensino superior. Estreitamente relacionados com o renascimento comercial e urbano, ressurgiram os estudos jurídicos e Bolonha tornou-se uma grande escola de direito. A universidade de Paris foi fundada em fins

do século XI.

A seguir, em ordem de antiguidade, figuram instituições famosas como as de Oxford, Cambridge, Montpellier, Salamanca, Roma, e Nápoles. Não houve universidade na Alemanha até o fim do século XIV. No término da Idade Média tinham sido fundadas cerca de 80 universidades na Europa Ocidental.

ORGANIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES MEDIEVAIS

Praticamente, todas as universidades foram organizadas segundo os modelos de Bolonha e Paris. Na Itália, Espanha, em Portugal e no sul da França, a Universidade de Bolonha constituía o padrão, no qual **os próprios estudantes formavam uma corporação ou *universitas***. Quase todas as instituições do sul da Europa eram de caráter secular e especializadas em direito ou medicina. As universidades do norte da Europa modelavam-se pela Universidade de Paris, que não era uma corporação de estudantes, mas de *professores* ou *collegium*. Na grande maioria dessas universidades nórdicas, os principais ramos de estudo eram artes (artes liberais) e teologia.

Nenhuma universidade poderia ser organizada sem a permissão expressa do papa. Além disso, o papa ou seus representantes exerciam a fiscalização do ensino. Os examinadores eram geralmente nomeados pelos bispos; o mestrado era outorgado em nome do papa, sendo a cerimônia realizada numa igreja presidida por uma alta autoridade eclesiástica, processo que deu a essa solenidade um caráter religioso.

ESTRUTURA DO ENSINO

Do estudante da Idade Média exigia-se antes de tudo, que dedicasse 4 a 5 anos ao estudo do **trivium**, ou seja: gramática, retórica e lógica ou dialética. Se fosse aprovado nos exames receberia o grau de **Bacharel em Artes**, que não lhe conferia habilitação especial. A fim de assegurar um lugar na vida profissional, precisava dedicar alguns anos mais para conquistar um grau avançado, como o de **Mestre em Artes, Doutor em Direito ou em Medicina**.

Para a obtenção do grau de Mestre era preciso dispender 3 a 4 anos de estudo do **quadrivium**, que se compunha das seguintes matérias: aritmética, geometria, astronomia e música. O **trivium** e o **quadrivium** constituíam as sete artes liberais, ensinadas independentemente da filosofia, direito e teologia. A medicina era muitas vezes ensinada como um ramo da filosofia (*physica*).

O conteúdo dessas matérias não tem correspondência àquelas que atualmente designamos por esses nomes. Na música, aprendia-se, por exemplo, propriedades do som.

Os exames para obtenção do grau eram muito rigorosos e alguns autores mencionam que, antes de iniciar as provas, o candidato precisava jurar que, em caso de reprovação, não se vingaria dos professores.

A cerimônia de outorga do grau de **Mestre** consistia na colocação da borla magisterial na cabeça do novo mestre. Depois, o novo professor proferia sua aula inaugural e era então admitido na sociedade dos professores, com uma série de discursos. Somente então lhe era permitido sentar-se em sua cátedra, ou cadeira de mestre.

Para obtenção do grau de doutor as exigências eram mais severas. Uma formação especializada era exigida.

Na Universidade de Paris, no fim da Idade Média, era de 14 anos a duração do curso que habilitava ao doutorado em teologia e a idade mínima para a obtenção do grau de doutor era de 35 anos.

Tanto o grau de Mestre como o de Doutor eram títulos de docência. O de Mestre de Artes era a qualificação para o magistério nas artes liberais e o de Doutor para o ensino de teologia, direito e medicina. O título de Doutor em Medicina designava, portanto, o professor e não o médico que exercia a profissão.

BOLONHA

Dada a sua situação geográfica, de cidade localizada na rota de comunicação do norte da Itália, Bolonha tornou-se um grande centro

educacional com centenas de estudantes, tanto da Itália como das regiões transalpinas.

Longe de suas casas e sem defesa, os estudantes uniram-se para fins de proteção e assistência mútua, constituindo uma *universitas* ou corporação, nos moldes das corporações de ofícios existentes nas cidades italianas, como a dos tecelões, carpinteiros e outros.

Historicamente, pois, a palavra *universidade* nada tem a ver com o universo ou universalidade do saber.

A presença de numeroso contingente de estudantes numa cidade provocava a alta do aluguel de quartos e de bens de consumo. Individualmente, um estudante pouco podia fazer contra as extorsões dos cidadãos locais, porém, unidos pela *universitas*, defendiam seus direitos, queixando-se às autoridades locais e ameaçando-as de abandonar a cidade, se não fossem tomadas medidas contra a exploração. E como a *universitas* não possuía sede, era fácil o deslocamento do grupo de uma cidade para outra. Com tal ameaça conseguiam estabelecer negociações e obter a redução dos preços.

Após a vitória contra os cidadãos locais, voltavam-se os estudantes para os professores, considerados como outro tipo de inimigos. Aqui a ameaça consistia num *boycott* coletivo, caso os professores não obedecessem às normas fixadas pelos estudantes. Como os mestres, para sua subsistência, dependiam das taxas pagas por seus alunos, a ameaça era realmente séria.

Conforme estatutos datados de 1317, o professor não poderia faltar um dia sequer às aulas sem permissão dos estudantes; se quisesse empreender uma viagem precisava deixar um depósito em dinheiro para garantir sua volta. Se não conseguisse um grupo de pelo menos 5 estudantes para assistir à sua preleção (prova de que não era boa), o professor era multado como se estivesse ausente. Ademais, os professores deveriam:

- a. iniciar a aula logo após o toque do sino e terminá-la um minuto depois que o toque do mesmo sino anunciasse o seu término;
- b. ministrar sistematicamente toda a matéria programada,

não lhe sendo permitido saltar um capítulo sequer do comentário ou adiar a elucidação de uma dificuldade.

Coerções dessa ordem pressupõem uma organização muito forte do corpo discente, composta de nações, ou seja, de grupos de nacionalidade diferente, dirigidas por um reitor. Bolonha era realmente uma universidade de estudantes. Eram eles que elegiam o Reitor da universidade. No fim da Idade Média, Bolonha contava com 20.000 estudantes.

UNIVERSIDADE DE PARIS

A Universidade de Paris surgiu diretamente da escola da catedral de Notre Dame, na ilha da Cité.

Os professores excluídos das universidades dos estudantes constituíram sua própria corporação ou colégio, denominado **Collegium Doctorum**. O termo colégio significa conjunto, corporação de pessoas que têm as mesmas dignidades, as mesmas funções, ou agrupamento de pessoas afins, por *officio* ou profissão.

Para admissão ao colégio era exigido competência dos candidatos comprovada por exames.

Não se sabe exatamente quando Paris deixou de ser uma escola de catedral para se tornar uma universidade, porém, é certo que isso ocorreu no século XII. Como havia necessidade de se fixar uma data para comemorar sua fundação, foi escolhido o ano 1.200, em que lhe foi conferida a carta real. Nesse ano, o rei Felipe Augusto concedeu privilégio e imunidades aos estudantes, estabelecendo assim uma situação especial para os jovens perante as cortes de justiça. Importante também foi a Bula do Papa Gregório IX (**Parens scientiarum**), de 1231, denominada Carta Magna da Universidade, baixada 2 anos após terem sido cessadas as aulas em consequência de badernas provocadas pelos estudantes e atribuídas, por muitos, à influência do demônio.

Na Bula, o Papa reconhecia a autoridade de Chanceler, de conferir o grau de Mestre para o desempenho das funções docentes, ao mesmo tempo que reconhecia o direito dos professores e estudantes de

elaborarem os estatutos regulamentando as aulas, sua duração, frequência, disputas, trajes, comparecimento aos funerais dos mestres, preço dos aluguéis das casas e proibição do uso de armas pelos estudantes.

A Universidade de Paris, já completamente desenvolvida, era constituída por quatro faculdades: artes, direito canônico (o direito civil havia sido proibido depois de 1219), medicina e teologia. Cada faculdade era dirigida por um deão.

Além das faculdades, outra instituição originária do século XII é o *colégio*. Inicialmente casa de residência para estudantes pobres, como a Sorbone, que foi fundada por Robert de Sorbon, confessor de São Luis, tornou-se centro de ensino acadêmico em muitas universidades.

Essa instituição do *colégio* cresceu realmente na Inglaterra, nas universidades de Oxford e Cambridge, onde adquiriu características marcantes na vida universitária e foi responsável pelo ensino e vida social.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Em 1288, autoridades eclesiásticas de Portugal dirigiam uma petição ao Papa Nicolau IV para a instituição de um Estudo Geral no país. Não tendo sido atendidos (havia desinteligência entre o rei e a Santa Sé), o rei D. Diniz fundou em 1290 uma universidade em Lisboa, à feição bolonhesa. Cinco meses depois a Bula de Nicolau IV confirmou a fundação.

Posteriormente, em 1308, o próprio rei D. Diniz transferiu a Universidade para Coimbra. Esta compunha-se das seguintes faculdades: medicina, direito canônico e direito civil. Não incluía a faculdade de teologia, por ser esta privilégio da Universidade de Paris. Cada faculdade contava com um professor e alguns repetidores, escolhidos os mestres por eleição dos ouvintes.

D. Diniz concedeu aos universitários regalias especiais, atribuindo aos estudantes o lugar principal na Universidade.

Novamente, em 1377, a universidade retornou a Lisboa, tendo D. João I ordenado que jamais saísse de lá; o Infante D. Henrique, o

Navegador, tornou-se seu protetor. Num período de 160 anos permaneceu em Lisboa, mas em 1537 retornou definitivamente para Coimbra.

LIVROS

Eram estes copiados à mão, e, em alguns casos, alugados. Como as aulas eram proferidas em latim (era obrigatório), os livros, igualmente, eram escritos nessa língua.

Na Unievrside de Paris, em 1254, eram estudadas a ética e metafísica de Aristoteles e as ciências naturais, das quais havia varios tratados. Estas ciências até então haviam estado proibidas aos estudantes.

A medicina era estudada principalmente nos livros de Hipócrates, comentados pelos tradutores árabes, e nos livros de Galeno.

O livro fundamental para os estudos jurídicos era o Código de Justiniano.

O processo de ensino consistia principalmente em tomar nota das aulas dos mestres em tabuinhas enceradas e depois analisá-las e discutí-las. Supunha-se que a educação se processasse mais pelo desenvolvimento da lógica e da memória, do que por extensas leituras.

ESTUDANTES

Documentos encontrados nas bibliotecas, sobretudo de universidades, constituem as fontes disponíveis do conhecimento que possuímos sobre os estudantes medievais.

Na Universidade de Bolonha o estudante pobre carregava água benta e fazia cópias para seus colegas ricos, a fim de ganhar o seu sustento; havia também os estudantes ociosos e vagabundos, que passavam de um mestre para outro, e não compareciam às aulas. Muitos dormiam durante as aulas, pois, haviam passado a noite bebendo nas tavernas. Entretanto, quando chegava o tempo de retornar à sua cidade natal, eles encadernavam com muito carinho seus manuscritos em capas de couro ou douradas.

Ao presenciar um desses preparativos de viagem, um professor fez um bom sermão a um dos seus estudantes: *Que conhecimentos são esses, que ladrões podem furtar, ratos ou traças podem destruir?*. E ilustrava seu sermão com um episódio, bastante conhecido, de um jovem pouco estudioso, cujo cavalo caíra no rio, levando toda a carga preciosa de manuscritos encadernados e, com ela, todo saber do estudante.

Na Biblioteca Nacional de Paris existe um manual, datado do século XV, destinado aos estudantes que não tinham conseguido aprender o latim em aulas teóricas. Começava o manual com expressões de cortezia: como cumprimentar e despedir-se de seu mestre; como desculpar-se pelos erros cometidos, como convidar o professor para jantar ou cear em companhia de seus pais. Igualmente, traz as respostas que o estudante deve dar ao professor quando interrogado, sobretudo se os pais estiverem presentes, para que ele, estudante, não faça o *papel de idiota*. Por exemplo, se o mestre lhe perguntar por que não compareceu às aulas ele deve evitar respostas certas, diz o Manual, devem ser as mais condizentes com a realidade: comparecimento a cerimônia de um casamento, auxílio na colheita de uvas ou na fabricação de cerveja. Há também modelo de carta para pedir dinheiro aos pais, tios ou patronos eclesiásticos, tema constante da correspondência do estudante medieval. Todavia, o modelo de carta mais adotado é aquele em que o estudante diz que está muito bem, estudando bastante, mas que precisa dinheiro para fazer face à compra de manuscritos e de outras despesas relacionadas com seus estudos.

No século XIII, as funções administrativas da Igreja ocupavam grande número de advogados, especialistas em direito canônico e a esses eram concedidas altas distinções. Na Universidade de Paris, a Faculdade de Direito Canônico atraía dois tipos de estudantes: os mais ambiciosos e os menos estudiosos. Explica-se a popularidade do direito canônico entre os estudantes mais folgados, por que as aulas eram ministradas no meio do período da manhã, ao passo que as demais faculdades elas começavam às 6 horas.

Na Universidade de Paris, como na de Bolonha, os estudantes de artes constituíam o grupo mais numeroso. Estavam eles divididos em quatro *nações*: 1) **francesa**, que era constituída de estudantes italianos, espanhóis e gregos; 2) **normanda**; 3) **picarda**, abrangendo os estudantes dos Países-Baixos; 4) **inglesa**, incluindo os estudantes alemães e dos países do

norte e leste da Europa. Essas quatro nações elegiam o reitor da universidade.

Havia muita animosidade entre as *nações*. As diferenças existentes entre os países constituíam causas de hostilidade, violência e discussões. Pechas eram atribuídas aos componentes das *nações*. Os ingleses eram tidos como bêbados; os alemães, como violentos; os italianos eram considerados rebeldes, turbulentos e escandalosos; os flamengos, volúveis, pródigos, glutões e preguiçosos. A troca de insultos terminava sempre em pancadaria. A irreverência não era desconhecida. Estudantes de Paris tiveram que ser admoestados por jogarem dados no altar da catedral de Notre Dame após uma festa de dia santo.

Os estatutos da universidade, com suas múltiplas proibições, regulamentavam o assunto das conversações, a cor e a forma das becas e das borlas.

Os estatutos da Universidade de Leipzig prevêm uma série gradativa de penalidades para o *estudante que apanha um objeto com a intenção de atirá-lo no professor*, uma outra mais severa para *aquele que atira e não acerta no alvo*, e ainda uma outra mais severa para *o estudante que acerta o alvo e fere o professor*.

Os pregadores do tempo fazem sermões alusivos à conduta dos alunos, exortando-os para que não vagassem pelas ruas atacando os cidadãos, quebrando as casas e dizendo gracejos às senhoras.

Na Biblioteca de Haidelberg existem manuais datados de 1480 para orientação de candidatos aos estudos universitários, desde a matrícula até a colação de grau. Um desses manuais, de 18 capítulos, apresenta em um deles situações problemas e suas soluções. Uma delas é a situação do estudante pouco dedicado aos estudos, ameaçado de reprovação nos exames, que recebe ultimato dos pais para que volte para casa imediatamente após a colação de grau. Inicia esse capítulo uma citação de Ovidio e logo após são apresentadas diversas soluções para o caso tais como:

1. distribuir presentes para obter favores dos mestres;
2. oferecer uma grande festa aos mestres.

E o capítulo termina assegurando que, com tal tratamento,

o estudante nada terá a receber: a aprovação estará garantida.

Finalizando, se o ensino universitário de hoje difere do medieval, a vida do estudante da Idade Média não era muito diferente da atual. Ele não contava com campos de esportes, mas suas lutas violentas com os *valentões* das cidades e mesmo com seus colegas de outras *nações* absorviam seus excessos de energia.

Nas universidades medievais, como nas de hoje, havia grande contraste entre o tipo de estudante sincero, inteligente e o desinteressado e frívolo. O radicalismo dos estudantes de hoje não era desconhecido nas universidades medievais. Muitas dessas instituições foram denunciadas como focos de heresia, paganismo e mundanismo. Dizia-se que o jovem *procurava a teologia em Paris, o direito em Bolonha e a medicina em Montpellier, mas em nenhum lugar uma vida que agradasse a Deus.*

ALCANTARA, G. – Universities in the Middle Ages. *Rev. Esc. Enf. USP*, 9–19, 1975.

The author describes, summarily, the birth of the universities in Europe. She emphasizes the Universities of Bologna and Paris because of their influence on the development of higher education, the first being the model for southern Europe and the second for the northern countries. She reports as in Bologna the students organized a corporation or *universitas* while in Paris, the professors, who were excluded from the students' universities, created their own corporation called *Collegium Doctorem*. Emphasis is also given to the Coimbra University, in Portugal.

The article gives an bird's – eye view of books which were used in those days and of student life in the Middle Ages.